

POR UMA CARTOGRAFIA DE PERFORMANCES TRANSGRESSORAS DE GÊNEROS E SEXUALIDADES BINÁRIAS¹

Juliane dos Santos Porto²

Dulce Mari da Silva Voss³

Palavras-chave: discurso, gêneros, sexualidades, performances não-binárias.

AS INTENÇÕES DA PESQUISA

Ao aprofundar meus estudos sobre gêneros e sexualidades, comecei a me interessar pelas experiências de sujeitos que transgridem a cultura heteronormativa e que expressam maneiras subversivas de viverem seus corpos. Sujeitos não binários que brincam com a fixidez de gênero e sexualidade postas como verdades e que estremecem as estruturas binárias, heteronormativas e patriarcais que delimitam subjetividades. Essxs outrxs que estão aí, que perturbam tantos outros e outras que não conseguem libertarem-se das generalizações e categorizações ditadas por regimes de verdade que delimitam modos de vida e interdita a rica multiplicidade de expressões de gêneros e sexualidades.

Ao pesquisar experiências não-binárias pretendo olhar para os modos como são produzidas essas performances transgressoras à ordem heteronormativa e heterossexual, como disputam veracidade na vida social e na comunidade acadêmica.

Como linha de análise desta problemática adoto a perspectiva foucaultiana, no sentido de entender como práticas discursivas governam os corpos, produzem regimes de verdade e processos de subjetivação. Práticas discursivas em disputa, pois:

Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e como poder. Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso - como a psicanálise nos mostrou - não é simplesmente aquilo que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é o objeto do desejo; e visto que - isto a história não cessa de nos ensinar - o discurso não é

¹ Este trabalho se trata de um projeto de pesquisa de mestrado apoiado financeiramente pela Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA) – Bagé/RS.

² Discente do Programa de Mestrado Acadêmico em Ensino; Universidade Federal do Pampa; Bagé, Rio Grande do Sul, Brasil; juporto9000@hotmail.com

³ Docente na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA); Bagé, Rio Grande do Sul, Brasil; dulce.voss@gmail.com

simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar (FOUCAULT, 1996, p 10).

Então, trazer as performances não-binárias como tema de pesquisa no campo da educação é de suma importância para entender que verdades podem ser desnaturalizadas. Logo, anuncio como tema da minha pesquisa a produção de subjetividades não binárias como performances transgressoras à cultura heteronormativa.

TRAÇANDO ITINERÁRIOS

Pensando a pesquisa como produção de dados onde seja possível estabelecer desvios das metodologias tradicionais que separam o sujeito pesquisador dos sujeitos pesquisados, optei pela cartografia como metodologia para dar vida ao estudo aqui proposto.

Na cartografia “o observador está sempre implicado no campo de observação e a intervenção modifica o objeto (princípio de Heisenberg). (PASSOS, KASTRUP, ESCÓSSIA, 2015, P. 21). Sendo assim, observo que a cartografia não requer afastamento do pesquisador, suas subjetividades, sua história e suas verdades se misturam às do sujeito pesquisado formando assim um rizoma, por meio de atravessamentos e relações que compõem o mapa da pesquisa, uma vez que “qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo. É muito diferente da árvore ou da raiz que fixam um ponto, uma ordem” (DELEUZE; GUATTARI, 2001, p. 22).

Para isso, me debruçarei em uma pesquisa intervenção, cujo cenário será o IV Seminário Internacional Desfazendo Gênero, evento que no ano de 2019 realiza sua quarta edição no Centro de Convenções do Recife (PE) com o tema: “Corpos dissidentes, corpos resistentes: do caos à lama”, nos dias 13 a 15 de novembro. O evento teve sua primeira edição no ano de 2013, sempre trazendo de modo expressivo e forte as questões de gêneros e sexualidades. Foi escolhido este cenário para realização da pesquisa pois se trata de um encontro onde poderei experimentar a pesquisa intervenção de maneira mais livre.

ALGUMAS PISTAS

Hoje entendo a sociedade em que vivemos como cerceadora das vivências não-binárias, há uma necessidade de categorizar os sujeitos, respeitando um código de verdade onde a vivência que escapa dessa regra, não serve.

Dentre as práticas discursivas postas em circulação no mundo contemporâneo, sobressalta uma forte onda neoconservadora que, em linhas gerais, pode ser definida como exaltação ao passado, um ideal moralista que defende “a ordem natural” (APPLE, 2004, p. 51) em que gêneros e sexualidades são atribuídos biologicamente, existindo apenas o padrão binário e heteronormativo: homem/mulher. Neoconservadores negam toda e qualquer existência ou relação que fuja a esse padrão.

Todo discurso regido pelo neoconservadorismo expressa uma repulsa ao “outro”, ao desconhecido, ao diferente, e essa ideia de “outro” exclui, separa os “bons” dos “maus”, “nós” e “eles”. Nessa oposição binária, Tomaz Tadeu da Silva (2014, p. 83) citando o filósofo francês Jaques Derrida, nos diz que: “oposições binárias não expressam uma simples divisão do mundo em duas classes simétricas: em uma oposição binária um dos termos é sempre privilegiado”, ou seja, as relações de poder, aí, se mostram claras. Se temos um padrão social, regido pela heteronormatividade, tudo que está fora dessa ordem é demonizado. Ainda para Tomaz Tadeu (2014, p. 83) “questionar identidade e diferença como relações de poder significa problematizar os binarismos em torno dos quais elas se organizam”.

Contudo, outros discursos também estão em disputa. Discursos que sinalizam linhas de fuga (DELEUZE; GUATTARI, 2011) ao subverter a ordem instituída, desmontando verdades e normas, instigando a aprofundar o debate e perceber a complexidade das práticas discursivas e não-discursivas em relação à produção de gêneros e sexualidades.

Como exemplo de movimento que defende a liberdade de gêneros e sexualidade, o movimento LGBTQI+ registra a “Revolta de Stonewall” como marco precursor. Stonewall é um bar novaiorquino que além de ser palco para existências transgressoras de gênero como homossexuais, travestis, lésbicas, entre outro(a)s. Para o historiador David Carter⁴ em seu livro *Stonewall: the riots that sparked the gay revolution*, “foi essa rebelião que marcou o início do movimento pelos direitos gays”.

Também cabe ressaltar a Teoria *Queer*, considerada uma teoria pós-identitária que ganha força nos anos 90, pensada e disseminada por Judith Butler. Salih (2015, p. 19) em *Judith Butler e a Teoria Queer* explica que “a teoria *Queer* surgiu, pois, de uma aliança

⁴ Disponível em: <<https://guiadoestudante.abril.com.br/blog/atualidades-vestibular/dia-do-orgulho-lgbt-conheca-a-historia-do-movimento-por-direitos/>>. Acesso em: 22 jul. 2019.

de teorias feministas, pós-estruturalistas e psicanalíticas que fecundavam e orientavam a investigação que já vinha se fazendo sobre a categoria do sujeito”.

Butler (2016, p. 236) expressa a complexidade dos conceitos gênero e sexualidades ao dizer que:

Se a verdade interna do gênero é uma fabricação, e se o gênero verdadeiro é uma fantasia instituída e inscrita sobre a superfície dos corpos, então parece que os gêneros não podem ser nem verdadeiros nem falsos, mas somente produzidos como efeitos de verdade de um discurso sobre a identidade primária e estável. (BUTLER, 2016, p. 236).

O termo *Queer* representa a dificuldade de definição ou de sentido estável. Que para Butler é ligada ao gênero. O *Queer* não é algo definido, preestabelecido, mas é algo que se constrói e se reconstrói constantemente. O “sujeito” gay, lésbico, enfim, na teoria *Queer* é livre de pressupostos. E esse “sujeito” de Butler não é o “indivíduo”, aquele que não se divide, não se influencia ou não é influenciado, mas é o sujeito que se constrói o tempo todo. Dizer que o gênero é performativo é dizer basicamente que não pertencemos a ele desde sempre, que não é pré-definido ou estabelecido. A autora associa o conceito de performatividade aos estudos de Austin acerca da linguagem. Exemplo disso ocorre quando diz que “o gênero é um ato 14 que faz existir aquilo que ele nomeia” (SALIH, 2015, p. 91), e essa nomeação é feita por meio da linguagem, ela se faz ação.

Alinhada à Foucault, ela afirma que os sujeitos generificados são produzidos discursivamente e acrescenta a esse pensamento o conceito de performatividade como ação constitutiva dos processos de subjetivação que acontecem por inúmeras interseções políticas e culturais, entrecruzando as diferenças de gênero e sexo com outras dimensões, como raça, etnia e classe social. Para ela: [...] o gênero nem sempre se constituiu de maneira coerente ou consistente nos diferentes contextos históricos, e porque o gênero estabelece interseções 15 com modalidades raciais, classistas, étnicas, sexuais e regionais de identidades discursivamente constituídas. Resulta que se tornou impossível separar a noção de “gênero” das interseções políticas e culturais em que invariavelmente ela é produzida e mantida (BUTLER, 2016, p. 21). Delimitar o gênero a uma “unidade” é reconhecer que ele está sob “[...] efeito de uma prática reguladora que busca uniformizar a identidade do gênero por via da heterossexualidade compulsória” (BUTLER, 2016, p. 67).

Penso que ao trazer para o meio acadêmico essa proposta de pesquisa, contribuiu para evidenciar que as sociedades são plurais, que gêneros e sexualidades não são

categorias inatas, mas produções discursivas e performances de corpos que cada um/a experimenta nas suas vidas e que devem ter o direito de viver livremente nas instituições sociais, como as escolas e universidades.

POR HORA...

Para tanto, há que se combater todas as formas de cerceamento das existências subjetivas, todas as práticas que “educam” para normalizar, segregam sujeitos e destruir relações de convivência. Como nos alerta Foucault (apud DELEUZE e GUATARI, 1977, p. 12): “o fascismo que está em nós todos, que martela nossos espíritos e nossas condutas cotidianas, o fascismo que nos faz amar o poder, desejar esta coisa que nos domina e nos explora”.

Então, trazer à tona experiências não-binárias e os modos como são experimentadas as diferentes sexualidades nas relações que os sujeitos estabelecem consigo mesmo e com os outros com os quais convivem, como enfrentam e escapam dos fascismos que buscam governar suas condutas e definir seus lugares na vida social, são questões que movem meu pensamento e desejo como pesquisadora.

REFERÊNCIAS

- APPLE, M. W. **Entre o neoliberalismo e o neoconservadorismo: educação e conservadorismo em um contexto global.** In: BURBULES, N. C.; TORRES, C. A. (orgs.). Globalização e educação: perspectivas críticas. Porto Alegre: Artmed, 2004. p.45-57.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Tradução Renato Aguiar. 11º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. 288p.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2.** v. 1. 2º ed. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Ed. 34, 2011. 128 p.
- DIA DO ORGULHO LGBT. Guia do Estudante. Disponível em: <<https://guiadoestudante.abril.com.br/blog/atualidades-vestibular/dia-do-orgulho-lgbt-conheca-a-historia-do-movimento-por-direitos/>>. Acesso em: 22 jul. 2019.
- FISHER, R. M. B. **Foucault e a análise do discurso em educação.** Cad. Pesqui. [online]. 2001, n.114, pp.197-223. ISSN 0100-1574. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742001000300009>. Acesso em: 01 out. 2018.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso.** Aula inaugural no College d'e France, pronunciada em 02 de dezembro de 1970. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996. 79p.

PASSOS, E.; BARROS, R. B. A. **Por uma política da narratividade.** In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCOSSIA, L. Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009. 207p.

SALIH, S. **Judith Butler e a teoria queer.** Tradução de Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015. 235p.